

*Vitória
cabo*

Passeio histórico pelo Centro

Livro temático sobre o bairro mais antigo de Vitória revela histórias da cidade pouco conhecidas dos capixabas

ANDREA PENA



Prestes a completar 450 anos de fundação, a cidade de Vitória ganha um presente antecipado da Biblioteca Pública Municipal Adolpho Poli Monjardim: o resgate de seu desenvolvimento urbano pelos livros da coleção Elmo Elton, editada pelo escritor Adilson Vilaça sob encomenda da Secretaria Municipal de Cultura. Cada unidade tem como base um bairro e o nome, segundo ele, é uma homenagem ao cronista e historiador que deixou uma importante obra sobre o Estado. Logo mais, a partir das 17h, será lançado **Centro de Vitória**, segundo volume da coleção, no Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.

Falar do Centro sem contar um pouco da história de Vitória é quase impossível. Ali é o começo de tudo, principalmente a Cidade Alta. Até pouco tempo atrás, o bairro fazia jus ao nome, na época, apenas um apelido. Ele era realmente o centro dos acontecimentos. Era onde se concentravam o comércio, os colégios tradicionais, o casario colonial, os clubes familiares e os pontos de encontro da boemia capixaba. Pouco a pouco, com os grandes aterros como o da Praia do Suá e o da Praia do Canto, a cidade se espalhou e surgiram outras opções de comércio, moradia e lazer.

O livro tem texto da jornalista Cristina Dadalto e fotografia de Tadeu Bianconi. Apesar de ter estilo de reportagem, pode ser comparado a um passeio pelo coração de Vitória. Os fatos históricos, os monumentos, as praças, ruas e escadarias, o cais, a religiosidade, os personagens, o palácio e até mesmo as modernas edificações, são aspectos abordados e que com-



Gildo Loyola



A Praça Costa Pereira foi construída na área baixa da cidade após o aterro. Poucas casas formavam o cenário, na primeira metade deste século. Atualmente, ela é um dos pontos verdes do Centro. As palmeiras imperiais e as árvores antiquíssimas são um marco do

compõem o visual urbano como elos de ligação entre a Cidade Alta, sede das decisões político-administrativas e a cidade baixa – aterro de mangues, que hoje concentra o comércio.

Nos anos 30 e 40 as fachadas foram simplificadas, seguindo o estilo proto-moderno. Intermediário entre o eclético e o moderno, o proto-moderno caracteriza os edifícios Ouro Verde, Elisabeth e o do banco Baneses da Praça Oito. Entre os exemplares modernos, que foram os sucessores, estão o prédio do Rural Bank e o Edifício Fábio Ruschi. O arquiteto e chefe da divisão de revitalização de áreas urbanas da Secretaria de Desenvolvimento Urbano (Sedu), Pedro Canal Filho, diz que o modernismo foi o único desses quatro estilos que não se adaptou muito bem ao centro pois previa áreas amplas onde as construções pudessem ser vistas de longe.

Outra característica marcante da arquitetura da capital, além do aspecto colonial, é o fato de ser a única do país onde carro e navio passeiam lado a lado. Segundo ele, nenhuma outra cidade brasileira oferece uma proximidade tão grande dos portos com o continente. “Isso é uma marca, assim como a preservação do traçado colonial”, observa. As matas verdes e nativas nas encostas dos morros também ajudam a compor o cenário.

PERSONAGENS – Para construir os fragmentos da história do centro de Vitória é preciso ouvir depoimentos de suas testemunhas vivas. São elas que sentem e traduzem em palavras e olhares as impressões verdadeiras do lugar. O alfaiate aposentado José Hygino de Oliveira (Taneco) é um desses personagens. Há 86 anos morando na Vila Rubim, onde nasceu, ele se define como um autêntico bairrista. “Não sou de Vitória, sou da Vila Rubim”, declara. Durante os 12 anos em que trabalhou como te-

lugar onde os aposentados se reúnem para falar da vida. Ex-presidente do Clube Náutico Brasil e ex-diretor do Álvares Cabral, lembra do tempo dos “clubes recreativos familiares” e diz que a sociedade moderna acabou com o valor da família. “Seu” Hygino dirigiu durante 60 anos a ‘Alfaiataria Taneco – O alfaiate que não é bom mas serve’. Amedontrado pelo “banditismo”, nunca sai de casa após às cinco da tarde.

A ex-comerciante Anna Viana de Carvalho resiste em abandonar o bairro. Viúva, mora sozinha na mesma casa para a qual se mudou quando se casou. A escada de pedra coberta de hera na frente da casa conduz ao quintal enorme, cheio de árvores e plantas. Entre uma mangueira, um pé de carambola e um de café ela recebe os amigos que se encantam com a parede de pedra natural dos fundos, cobertas de avencas nativas. Os parentes se preocupam em deixá-la sozinha mas Dona Anna diz que de lá, só sai no caixão. “Não tem perigo”, afirma. “O lado de lá é muito mais perigoso”, diz, referindo-se à zona norte.

Também o comerciante Ermelino de Souza, proprietário da Casa Ermelino, não pensa em transferir a sede de seu comércio para outra região. Muitos de seus amigos se mudaram ou abriram filiais na Praia do Canto, mas ele prefere continuar no burburinho da rua Duque de Caxias. “Seu” Ermelino reconhece que o comércio está deteriorado e infestado por camelôs. No entanto, justifica sua insistência por uma questão de fidelidade à clientela. Apesar de ter comprado uma loja no shopping, pretende continuar trabalhando única e exclusivamente no centro, onde tem mais de 46 anos de tradição.

A autora espera que sua obra contribua para despertar interesse no povo capixaba, para que as pessoas parem para fazer um passeio turístico num lugar que, se não for valorizado, ameaça virar apenas passagem

de comércio, moradia e lazer.

O livro tem texto da jornalista Cristina Dadalto e fotografia de Tadeu Bianconi. Apesar de ter estilo de reportagem, pode ser comparado a um passeio pelo coração de Vitória. Os fatos históricos, os monumentos, as praças, ruas e escadarias, o cais, a religiosidade, os personagens, o palácio e até mesmo as modernas edificações, são aspectos abordados e que compõem um amplo registro do lugar.

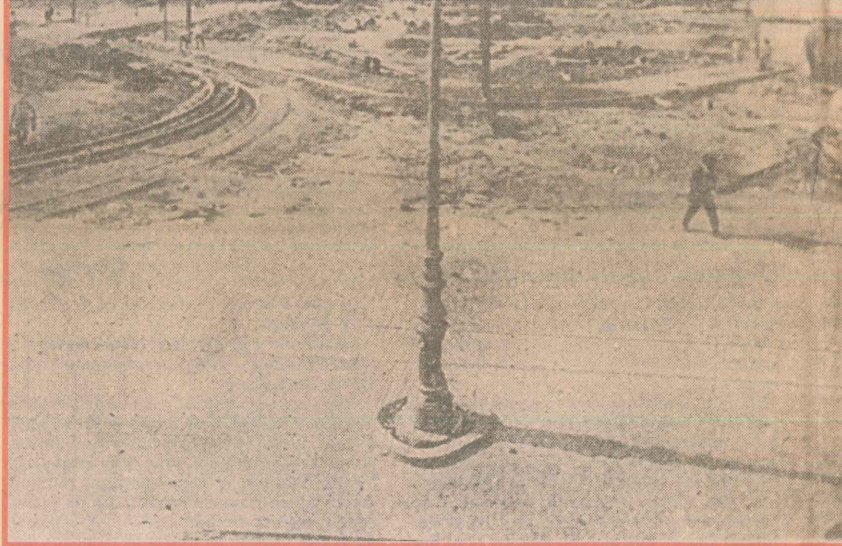
Um olhar atento é capaz de perceber no centro de Vitória singularidades que faz dele um lugar rico de agradáveis surpresas. "O bairro tem uma história linda que é pouco explorada", diz a autora. Durante suas pesquisas bibliográficas e de campo, Cristina se encantou com o passado de cada elemento que compõe esse antigo perímetro urbano.

ARQUITETURA – Sexta cidade mais antiga do Brasil, a urbanização de Vitória mistura elementos de diversos estilos e épocas que a fazem especial. Ali, o colonial, o eclético, o proto-moderno e o moderno dividem a mesma calçada. As igrejas do Rosário e São Gonçalo, o Convento São Francisco e duas ou três casinhas com estrutura de pau-a-pique e rejunte de óleo de baleia, perto da Catedral, são alguns dos resquícios dos colonizadores portugueses que resistem ao tempo. O traçado urbano da Cidade Alta, com ruas e lotes estreitos, também são heranças do Brasil-colônia.

Na década dos 20, a arquitetura colonial foi modificada com reformas e reconstruções de portas, janelas e vidraças importadas. Foi então que o Palácio Anchieta – ex-sede do Colégio dos Jesuítas – ganhou adornos e pinturas que fazem referência ao eclético. Esse novo estilo, que é uma mistura de vários outros, também se faz presente na Catedral Metropolitana de Vitória, na Escola de Teatro e Dança Fafi, no Museu de Arte Moderna do Espírito Santo, na Assembléia Legislativa, na Escola São Vicente de Paulo e na Escola Maria Ortiz.

Os fortes são indícios de um tempo de invasões. O mesmo mar que protegia os colonizadores dos índios goitacases trazia piratas e corsários que ameaçavam a segurança dos habitantes da ilha: em 1561 vieram os franceses, três décadas mais tarde foi a vez do famoso pirata inglês Thomas Cavendish. Em 1652 vieram os holandeses que, após derrotados, voltaram a aparecer em 1660. No século XVII, durante o ciclo do ouro, foram construídos o Fortim São Diogo – onde hoje é a escadaria – e o Forte de Santo Inácio, também conhecido como São Maurício. O fortim Nossa Senhora do Monte Carmo e o Forte São João, na curva do Saldanha, foram melhorados, ampliados e incrementados com casa de pólvora.

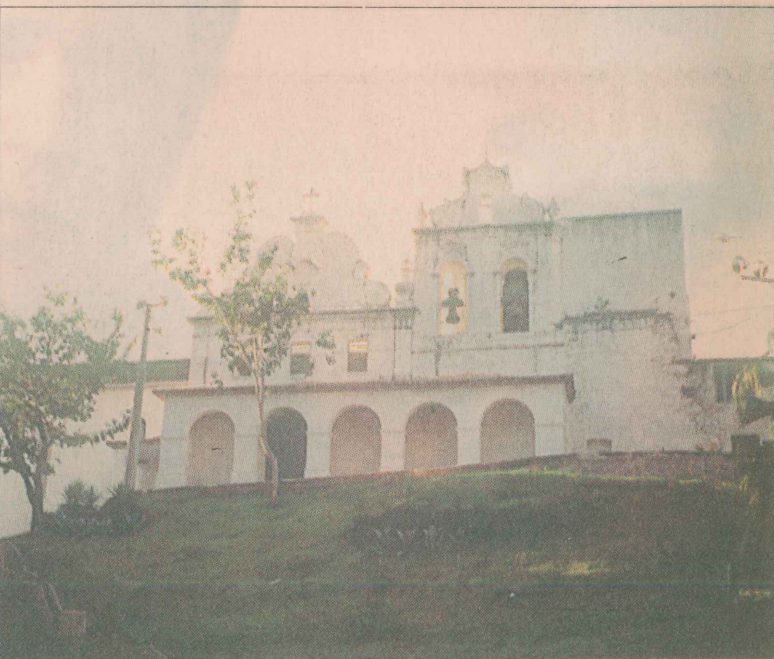
Por adequação à topografia irregular que caracteriza a ilha, surgiram as escadarias. Inúmeras, elas



Arquivo



Tadeu Bianconi



Carol Abreu

Vista parcial do centro da Capital, no olhar do fotógrafo Tadeu Bianconi para o livro 'Centro de Vitória', segundo volume da coleção Elmo Elton, que será lançado hoje, a partir das 17h, na sede do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. O Convento de São Francisco de Assis é um dos monumentos que lembram as construções portuguesas

na primeira metade deste século. Atualmente, ela é um dos pontos verdes do Centro. As palmeiras imperiais e as árvores antiquíssimas são um marco do lugar, que reúne, diariamente, senhores para um bate-papo

Vitória é preciso ouvir depoimentos de suas testemunhas vivas. São elas que sentem e traduzem em palavras e olhares as impressões verdadeiras do lugar. O alfaiate aposentado José Hygino de Oliveira (Taneco) é um desses personagens. Há 86 anos morando na Vila Rubim, onde nasceu, ele se define como um autêntico baírrista. "Não sou de Vitória, sou da Vila Rubim", declara. Durante os 12 anos em que trabalhou como tesoureiro da Federação das Indústrias do Espírito Santo (Findes), viajou pelo Brasil inteiro e diz que o Centro é o melhor lugar da melhor cidade do país para se morar.

Taneco gosta de freqüentar a Praça da Independência para "ficar por dentro dos acontecimentos". Ali é o

por caméios. No entanto, justifica sua insistência por uma questão de fidelidade à clientela. Apesar de ter comprado uma loja no shopping, pretende continuar trabalhando única e exclusivamente no centro, onde tem mais de 46 anos de tradição.

A autora espera que sua obra contribua para despertar interesse no povo capixaba, para que as pessoas parem para fazer um passeio turístico num lugar que, se não for valorizado, ameaça virar apenas passagem dos que transitam entre as zonas sul e norte da região metropolitana.

■ **SERVIÇO** : O Livro Centro de Vitória, publicado pela Secretaria Municipal de Cultura, será lançado hoje, a partir das 17h, na sede do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Mais informações: 335-8825.

Kit

Alfa

Beto

Escolar

COM ESTA PROMOÇÃO,
TODO ASSINANTE
VAI COLECIONAR!



Os assinantes de A Gazeta podem adquirir os primeiros* kits da coleção Alfa Beto Escolar através de pagamento do boleto bancário que receberão em casa.

Caso preferam, também podem adquirir os kits com desconto, antecipadamente: às sextas-feiras os kits que circularão no domingo já estarão à disposição dos assinantes. Eles podem ser comprados na

Loja de Classificados de A Gazeta (R. Chafic Murad, 840 - ao lado da Rede Gazeta)

e na Sucursal de A Gazeta em Vila Velha (R. Henrique Moscoso, 1275 - Centro - Vila Velha).

Atendimento ao assinante:
223-3411



A GAZETA
O JORNAL DO ESPÍRITO SANTO